

CULTURA E DESENVOLVIMENTO EM TEMPO DE IMPERIALISMO CULTURAL: O QUE FAZER?

UM OLHAR PARA A PROPOSTA ANTROPOFÁGICA

Fernando Oliveira^{1,2}

¹ GT4 – Políticas Culturais e Economia Política da Cultura da EPTICC

² Professor Pleno da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC; e-mail: fjroliveira@uesc.br.

³ Coordenador do GT4 da EPTICC

RESUMO

Quando a sociedade planetária assiste ao retorno do Imperialismo à geopolítica mundial- e do Imperialismo Cultural -, com a ascensão da extrema-direita no mundo e sobretudo nos EUA, vimos emergir os ataques às democracias e à soberania cultural na forma de redução da diversidade cultural e disseminação de narrativas ideológicas redutoras da mentalidade coletiva e do imaginário social, fatalmente nos remetemos aos estatutos históricos das ideologias extremistas que emergiram dos regimes nazifascistas da primeira metade do século XX, e que continuam vivas no imaginário coletivo e pervertido das massas reacionárias, sedentas do eterno retorno às práticas da banalidade do mal apontadas por Arendt (1989). Nesse contexto urge retornarmos àquela pergunta clássica de Lênin (2021): O que fazer? Historicamente, o imperialismo apresenta-se para Lenin como a etapa superior do capitalismo na qual amplia-se e desenvolve-se novas formas de dominação do capital financeiro e, por conseguinte, da classe de rentistas e da oligarquia financeira, vivendo dos rendimentos do capital-dinheiro e explorando novas formas de capital fictício, sob controle dos grandes monopólios e conglomerados industriais, que passariam a deter o poder real sobre a economia e a sociedade, frente àqueles que efetivamente criavam valor novo, valor-trabalho – a classe trabalhadora. Arendt (1989, 1988) dá um passo à frente ao demonstrar que o imperialismo não foi somente econômico ou militar mas também cultural e simbólico, com a ideia de que a Europa representava a civilização universal, desqualificando as demais culturas com as narrativas eurocêntricas, para se impor como padrão universal. Para isso buscava eliminar a diferença e a diversidade cultural, negando outras formas de ver, falar e interpretar o mundo. Estavam postas as condições para a disseminação da “banalidade do mal” em nome do progresso, da civilização e da eficiência. O imperialismo cultural reinterpreta o mundo em seus próprios termos, na tentativa de reescrever a história, definindo quem é atrasado, primitivo, desenvolvido ou subdesenvolvido, sagrado e profano. Estão postas as condições humanas para as práticas da banalidade do mal onde a cultura e as narrativas baseada nas linguagens das imagens passavam a ser amplamente utilizada como instrumento de poder, tal como foi utilizada pelo nazismo para desumanizar e transformar a violência em banalidade e procedimento normal. A banalidade do mal floresce onde imperialismo cultural enfraquece as culturas locais e reduz a diversidade cultural, transformando dominação em normalidade, eliminando a capacidade de pensar e agir dos sujeitos subalternizados a partir de múltiplas perspectivas. Assistimos o revigoramento do imperialismo cultural – e da chamada cultura woke – sob cuja visão somos apenas brasileiros sem distinções. Já não somos um povo brasileiro fruto das confluências das três matrizes culturais e étnicas que nos formaram: a matriz dos povos originários indígenas, a matriz dos povos afro-brasileiros advindas dos mais de seis milhões de negros escravizados de África e a matriz dos colonizadores brancos europeus. Nesse contexto, Oliveira (2023) demonstra como as imagens simbólicas exercem

um papel fundamental na construção das narrativas da mediação e de representação da realidade na sustentação dessas ideologias hegemônicas e invisibilizadoras das culturas originárias dos povos indígenas e afro-brasileiros. São as imagens que fazem a mediação da realidade e possibilitam a composição das narrativas ideológicas, midiáticas e mercadológicas, sobretudo pela tessitura de signos e símbolos no campo audiovisual, imagético e publicitário, bem como no campo jornalístico, na imprensa em geral, mas sobretudo pela disseminação dos valores e crenças através das plataformas de algoritmos inteligentes, que, em nome da liberdade de expressão criam as condições para as novas formas de imposição do imperialismo cultural em nossos dias, afetando a percepção da mentalidade coletiva sobre o próprio sentido de realidade social e visão de mundo que poderemos ter, conceber e elaborar criticamente. O que fazer? Queremos aqui repensar o papel da Cultura – como instância superior e o reflexo das Políticas Culturais enquanto políticas públicas – em sua relação com o Desenvolvimento em nossos dias, na confluência do pensamento crítico e das reflexões suscitadas pelas contribuições de Celso Furtado (1982, 1978), Milton Santos (1984;1985) e à proposta antropológica de Oswald de Andrade (1928).

A cultura permite que o território seja vivido como espaço de realização de valores identitários, portanto como instância superior e indutora do próprio do desenvolvimento, tomado por Furtado (1982;1978;) como um processo conflituosos e permeado de tensões cotidianas, devendo ser encarado como campo aberto ao exercício da criatividade e da inventividade de um povo. Cultura e desenvolvimento estão imbricados como campo de lutas e resistências às ideologias segregadoras e defensoras do cerceamento da diversidade cultural e do direito à cidadania para descortinar o potencial criativo da sociedade, desatando as energias da criatividade e da inventividade, capazes de incrementar a capacidade de ação, para a superação da passividade e do imobilismo das decisões, e sobretudo da dependência cultural-tecnológica. O autor rompe com a dependência que nos caracteriza nesse estado de dependência do capitalismo de plataformas dominados pelas big tech's de nossos dias, que imobilizam e engessam as maneiras do fazer, do viver e do ser. Se a cultura e o desenvolvimento se efetivam no espaço, no território, este não deve ser utilizado tão somente para fins da exploração capitalista, como espaço internacionalizado sob domínio do capital financeiro e onde o Estado não consegue exercer sequer seu papel como agente regulador. Eis que em nossos dias vimos o espaço de circulação do capital se converter em circuitos de livre circulação da mercadoria-informação, dados e sobretudo das narrativas neoimperialista e hegemônicas que ditam as regras dos processos de comunicação da sociedade, controlando as formas de mediação, orientando e determinando em grande medida o imaginário das culturas e das sociedades, culminando na redução cognitiva do espaço da comunicação e da mentalidade social coletiva e individual. Vamos refletir sobre o processo de desenvolvimento da cultura e da sociedade em nossos dias, como um processo aberto e permeado de conflitos e resistências diante das ameaças que pairam sobre a nossa democracia cultural e a soberania nacional. Qual a natureza das políticas e das práticas imperialistas que ascendem no cenário de retorno das ideologias sectárias da extrema direita? Como tais ideologias impactam a percepção do espaço, a utilização do território como lugar de resistência e produção de estratégias de autonomias para a permanência das culturas cujas decisões estão submetidas aos ambientes de incertezas, instabilidades e crises, afetando as mentalidades de como os sujeitos individuais e coletivos organizam seus cotidianos e vivem efetivamente o espaço, o território? Segundo SANTOS (1984;1985; 1988)) não há transformação nem formação sem consciência do espaço e sobretudo do espaço capitalista, se queremos analisar criticamente o lugar e o papel da cultura no desenvolvimento. Já não podemos pensar cultura e desenvolvimento cultural como sistemas fechados. Somos em todos os tempos e espaços sociedades complexas e culturalmente abertas, fruto da miscigenação cultural que trazemos como marca de nascença. Em nossa origem está a biodiversidade e a semiodiversidade cultural. Evoluímos através daquilo que os escritores Oswald de Andrade e Murilo Mendes chamaram

de Canibalismo Cultural. Defendemos, pois, uma política cultural de valorização das culturas originárias e um retorno à proposta antropofágica no sentido oswaldiniano do termo, com operações de reapropriação cultural, deglutição e revalorização dos movimentos de valorização das culturas, e sobretudo daquilo que é nosso e nos pertence como território e paisagem cultural, espaço de produção de valores simbólicos e imaginários culturais criativos. Tudo isso como estratégia de fortalecimento de nossas culturas originárias, ameríndias e afro-brasileiras, e sim mestiça, dando lugar ao jogo da devoração como estratégia dialógica e dialética de trocas culturais, na forma de um jogo dialógico, polifônico e devorador em relação às demais culturas, inclusive no trato para com as culturas imperialistas que voltam a querer impor seus padrões nesses tempos de crises, rompendo com os valores democráticos e disseminando as velhas narrativas neofacistas reducionista da visão de mundo. Eis em essência como vamos repensar o papel da Cultura e da Política Cultural como estratégia de desenvolvimento da semiodiversidade cultural para o fortalecimento da soberania cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- _____. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ANDRADE, Oswald de. **Manifesto Antropofágico**. São Paulo: Globo, 2011.
- BOLAÑO, César. **O conceito de Cultura em Celso Furtado**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- _____. **Campo aberto – para a crítica da epistemologia da comunicação**. Aracaju: EDISE, 2015.
- BARBALHO, Alexandre, CALABRE, Lia, MIGUEZ, Paulo e ROCHA, Renata. Org. **Cultura & desenvolvimento: perspectivas políticas e econômicas**. Salvador: EDUFBA, 2011.
- FURTADO, Celso. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982
- _____. **Criatividade e dependência na civilização industrial**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.
- LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**. Boitempo Editorial, 2021.
- OLIVEIRA, Fernando. **A mídia e a ordem sancionada. Os determinantes simbólicos da mediação, da regulação e da dominação nos processos de comunicação das culturas, do mercado e da mídia**. São Paulo: Dialética, 2024.
- _____. **O mecanismo semiótico das culturas e a semiodiversidade cultural. A apropriação antropofágica: o jogo da devoração**. Artigo apresentado em Banca de Progressão de Carreira. Texto inédito. (S.I.), UESC, 2026.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1985.
- _____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo. Hucitec, 1988.
- _____. **A globalização e o meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1984.